



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

OBRAS DE ARTE INTERATIVAS NO ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO

Verônica Folla Souto PATRONE¹

Maria Alice de Barros Manhanini SUOMELA²

Flávia Barbosa da Silva DUTRA - Orientadora³

RESUMO

Os conhecimentos sobre obras artísticas, períodos históricos, habilidades técnicas e culturas estão sempre presentes na disciplina de Artes Visuais, entretanto, ainda é desafiador promover que sejam acessíveis a todos os estudantes. Um exemplo são as barreiras encontradas pelos discentes com deficiência visual, pois parte significativa dos assuntos depende do sentido da visão para serem compreendidos. O objetivo da pesquisa é discutir ações para as aulas de artes que abordem trabalhos artísticos que utilizam outros sentidos além da visão. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa com caráter exploratório. Serão analisadas algumas obras interativas como inspirações para os docentes praticarem na escola. A participação ativa dos estudantes nas aulas pode ser um caminho enriquecedor para a compreensão dos temas deste campo de estudo. Discussões sobre os docentes utilizarem metodologias com recursos para além dos visuais, podem promover a acessibilidade de todos à aprendizagem.

Palavras Chaves: Artes Visuais, Acessibilidade, Pessoa com Deficiência Visual, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Na disciplina de Artes Visuais, tem-se um amplo espaço para diversos aprendizados que abrangem o campo cultural, histórico, técnico, performativo e da experimentação. Nesse

¹ Mestranda do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj, artes.veronica7@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj, mariaalicemanhanini3@gmail.com

³ Professora orientadora: Pós-doutora em Educação Física Especial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UFRJ, fbsdutra@gmail.com.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

contexto, pessoas com cegueira e com baixa visão necessitam cada vez mais de alternativas comunicacionais acessíveis para compreenderem os conteúdos visuais. Algumas obras de arte não são apenas expositivas mas possuem meios para a interação com o público e isso faz com que outros sentidos além da visão, que é muito importante para a análise e apreciação de trabalhos artísticos, sejam empregados (Santiago; Parreira; Morais; Silva, 2016). Ao pensarmos em acessibilizar obras artísticas para pessoas com deficiência visual (DV), algumas alternativas podem ser utilizadas como a audiodescrição (AD) e o recurso tátil.

A audiodescrição é a tradução da imagem visual para o suporte verbal (Magalhães; Araújo, 2012), sendo assim, são passadas as informações do que se vê para um suporte em áudio. No recurso tátil, existem várias possibilidades em que ele pode ser utilizado. Uma delas é a prancha em alto-relevo de fotografias ou pinturas, podendo ser aplicadas texturas para diferenciar as partes da imagem. Outra é o mapa tátil, em que o alto-relevo e o braille também são aplicados para que as pessoas com DV tenham a percepção espacial do ambiente que estão.

Para o estudo das artes, a interpretação das obras é umas das partes de maior importância para toda compreensão e discussão teórica sobre os temas que são apresentados a partir do que se investiga. O movimento que existe atualmente é de uma indústria cultural que cresce cada vez mais e se torna dependente de imagens visuais para existir. Entretanto, as linguagens artísticas não se limitam apenas aos modos estritamente visuais, mas em outros trabalhos como esculturas, instalações e, principalmente, obras interativas. Nestas, pessoas com DV, podem participar de modo ativo dos trabalhos, utilizando outros sentidos que não sejam apenas o da visão.

Em obras de arte interativas e sensoriais, podemos citar alguns exemplos como “O Eu e o Tu: Série Roupa-Corpo-Roupa”, de 1967, e “Objetos Relacionais” de 1976, ambos da artista Lygia Clark, onde a participação ativa do espectador faz com que a experiência seja a discussão principal e não a interpretação de elementos visuais. Portanto, a experiência de pessoas cegas e com baixa visão nessas obras é mais fiel ao trabalho artístico. Suportes de



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

acessibilidade como a audiodescrição estariam em segundo plano para auxiliar as pessoas com DV a participar, interpretar e discutir sobre o tema da obra.

No espaço da sala de aula, na disciplina de artes, é importante ter a percepção de que a visão não é o único sentido responsável para a compreensão do mundo. A escola é um dos espaços de aprendizagem inicial, onde o aprimoramento de outros sentidos e incentivos aliados a experiências que não sejam apenas da imagem percebida pelos olhos podem ser trabalhados de forma rica e criativa. Trabalhos artísticos interativos e sensoriais podem ser incluídos na experiência dos alunos com DV englobando as etapas da contextualização, apreciação e prática, abordagem triangular defendida pela autora Ana Mae Barbosa (1991).

Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo discutir ações para aula de artes que abordem trabalhos artísticos que utilizam outros sentidos além da visão.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada no presente trabalho é uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, levantando exemplos que estimulem a compreensão do tema (Prodanov; Freitas, 2013) ao associarmos os trabalhos artísticos apresentados às ações dos discentes que podem ser realizadas no ensino da disciplina de Artes Visuais.

Serão analisadas as obras “Éter” da artista Anna Costa e Silva e “Roda dos Prazeres” da artista Lygia Pape. Nelas, as características sensoriais serão associadas aos estudos dessa disciplina para estudantes com DV.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas obras exploram outros sentidos e experiências que vão do tato, paladar e audição até a presença do corpo participante na obra ou objetos da mesma. Esses exemplos



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

podem ser utilizados para serem trabalhados em sala de aula na disciplina de artes. Elas adicionam conhecimentos e práticas que podem ser mais atraentes, tendo em vista que fogem de uma abordagem apenas expositiva do conteúdo, e inclusivas, pois abrem novas possibilidades de experimentação.

Uma das abordagens usadas na disciplina de artes é a proposta da autora Ana Mae Barbosa denominada “abordagem triangular” (1991). Nela, são pontuados três eixos considerados essenciais para a atuação artística no ensino, sendo esses bases para construção de metodologias de artes. O primeiro eixo é nomeado de produção, e se refere à capacidade de produzir obras artísticas, investigações e relações conceituais, o segundo é a leitura, ações que envolvem o exercício da percepção, e o terceiro é chamado de contextualização, em que ocorre a reflexão de diversos contextos da arte como história, cultura e movimentos artísticos (Machado, 2010). Pessoas com DV necessitam de adaptações ou propostas inclusivas para que suas experiências englobem as três abordagens mencionadas anteriormente. Para o eixo da leitura, por exemplo, a percepção das características de uma obra precisam ser transmitidas para esse estudante. Ao falar sobre cultura e movimentos artísticos, atributos técnicos e históricos fazem parte desses contextos. Na produção, momento em que o estudante pode aplicar os conhecimentos recebidos e discutidos, a visão é muito solicitada quando são trabalhadas atividades com suportes imagéticos como pintura e desenho. Entretanto, não são apenas esses suportes que contemplam o aluno, mas sim, a possibilidade do fazer artístico utilizando o corpo como nos exemplos das obras mencionadas.

A instalação sonora “Éter”, da artista Anna Costa e Silva, é um dos exemplos, pois explora outros sentidos e práticas fora dos suportes tradicionais da arte. Nela, os espectadores são convidados a deitar em camas em uma sala escura e ouvir um áudio de conversas da artista com pessoas diferentes, que estão se preparando para dormir, desde o momento de plena consciência até quando o sono as consome.

Neste trabalho, o sentido da audição e a experiência na instalação que a artista propõe são necessárias para passar pela vivência da obra. O ambiente com os colchões faz uma



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

ligação direta com o momento em que foram feitas as gravações, o período do sono. O modo como a obra é pensada deixa o sentido da visão fora do protagonismo. Os espectadores são convidados a fazer uma imersão, o ato de ouvir conversas “sonolentas” deitados faz com que fantasiem o momento em uma experiência que pode acionar diversas sensações do corpo.

Figura 1 - Obra “Éter” da artista Anna Costa e Silva



Fonte: Site da galeria que representa a artista.⁴

Audiodescrição da figura 1: fotografia horizontal, em preto e branco, com quatro pessoas deitadas em quatro de oito colchões no chão de uma sala. Entre as quatro pessoas, uma mulher e um homem de cabelos pretos e roupas casuais e duas pessoas, mais ao fundo, não são possíveis de identificar. Os colchões têm lençóis e fronhas brancos e estão espalhados pela sala. O ambiente possui três paredes brancas, na do fundo, uma porta aberta, e à direita, uma porta fechada e, próxima a ela, uma caixa preta com bordas cinzas, no chão. Fim da audiodescrição. Roteiro de Verônica Patrone e consultoria de Felipe Monteiro.

Sendo proposto aos estudantes a realização do trabalho “Roda dos Prazeres” da Artista Lygia Pape, deverá haver a comunicação entre os sentidos da visão e paladar. No trabalho, a

⁴ Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/artistas/anna-costa-e-silva/>.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

autora faz uma roda de pratos com líquidos nas cores vermelho, amarelo, azul e verde. Cada líquido explora um sabor como azedo, salgado, doce, amargo, entre outros. Não se pode deixar de lado, para a compreensão da ideia da artista, a imagem da obra como as cores que estão em cada recipiente, o formato de círculo em que eles estão organizados, entre outras informações. A questão principal que a artista coloca a tona seria o gosto que as cores têm, e isso só poderá ser compreendido se os alunos tiverem a informação de que cores são essas e o gosto que cada uma possui ao experimentá-las. Nesse momento, a conexão entre o paladar e a visão será feita. As lacunas de informações visuais necessárias para a compreensão serão preenchidas com a audiodescrição, e aliando isso às experiências interativas, novas possibilidades de trabalhos com os alunos surgem, integrando diversas possibilidades sensoriais.

Figura 2 - Roda dos Prazeres



Fonte: Site do grupo ArteVersa.⁵

⁵ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/artevera/lygia-pape-experimentacoes-com-arte-e-vida/>.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

Audiodescrição: Fotografia horizontal com dezesseis tigelas brancas dispostas em círculo no chão. São redondas, com tamanho semelhante a um prato, com líquido nas cores vermelha, amarela, azul e verde respectivamente. Entre as tigelas, um pires branco com um conta gotas. O chão é mesclado em tons de cinza. Fim da audiodescrição.
Roteiro de Verônica Patrone e consultoria de Felipe Monteiro.

É importante ressaltar que um sentido não substitui o outro. O incentivo a docentes em ambientes escolares trabalharem com recursos multissensoriais e com metodologias que não dependam exclusivamente da visão não significa limitar os estudantes e afastá-los de experiências que dependam apenas da visualidade. O recurso da audiodescrição pode ser utilizado para a tradução da imagem a fim de preencher o que seria identificado pela visão, obtendo assim a melhor compreensão possível do que está sendo analisado ou praticado.

Vygotsky (1999) em seus trabalhos sobre a cegueira, aponta como grande fonte de compensação o desenvolvimento da linguagem, a apropriação dos significados, a construção de conceitos e o exercício da abstração. Para o autor, esses fatores são mais empregados do que a própria evolução do tato e o refinamento da audição. Sobre o impacto de leituras de imagens, Motta aponta que:

Aprender a ler imagens pode colaborar para a formação de alunos mais críticos, mais capazes de compreender os aspectos culturais, históricos e sociais contidos nas informações visuais. Aprender a ler imagens terá um impacto na leitura do próprio texto (Motta, 2016, p. 2).

O desenvolvimento da linguagem, a apropriação dos significados, a construção de conceitos e o exercício da abstração que Vygotsky aponta, são ideais que podem ser amplamente trabalhados na aula de artes. Essas habilidades geram impacto na vida da pessoa com DV visto que a compreensão das complexidades sociais são essenciais para a inclusão na sociedade.

Nas obras que utilizam a linguagem visual como meio de compreensão principal, a audiodescrição ou o recurso tátil podem preencher a lacuna existente para que o entendimento dos conteúdos e significados da obra sejam realizados e o conhecimento seja transmitido ao



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

estudante. Em obras que utilizam outros métodos que não sejam estritamente visuais, como nos exemplos citados anteriormente, ocorre uma abrangência espacial em que o espectador que usufrui da obra não fica apenas admirando de um único ponto de vista. Para pessoas cegas e com baixa visão, o exercício de reconhecimento do espaço é estritamente importante para que se tenha uma independência na locomoção. Essa questão poderia ser trabalhada com a reprodução desta obra na sala de aula. O desenvolvimento de significados, experiências e aprendizados se tornam mais presentes em ambientes escolares com estratégias amplas. A possibilidade de levar o corpo a ter outras descobertas e sensações, relacionadas tanto ao contato físico como aos sentimentos, pode ser fundamental para a formação de um estudante.

A disciplina de artes é um espaço de oportunidade para o desenvolvimento de ideias, experimentações, conexões muito distintas entre diversas linguagens e suportes inclusivos para o estudante, em especial, para os que possuem DV. Ela também pode ser uma grande aliada para a conexão dos alunos com a escola. Projetos e exercícios que explorem outros espaços que não sejam o da sala de aula podem ser planejados, além da possibilidade que a interdisciplinaridade tem de desenvolver atividades, que auxiliem na remoção das barreiras de comunicação existentes, e com o recurso da audiodescrição, todo o ambiente escolar e as relações interpessoais dos alunos pode ser incentivada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que todas as etapas do ensino de artes propostas na abordagem triangular sejam realizadas com alunos com DV, são necessários recursos de acessibilidade pensados para a inclusão do estudante com deficiência na sala de aula. A disciplina não é limitada apenas a contextos que dependem exclusivamente do suporte visual, mas sim, de trabalhos que utilizam outros sentidos que também são responsáveis pelas percepções humanas. Abordar obras que possibilitam o estudante com cegueira ou baixa visão participar ativamente da proposta assim como outros estudantes sem essa deficiência proporciona uma atividade em que esses indivíduos podem usufruir de forma fiel, sem tantas necessidades de adaptações.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

As obras “Éter” da artista Anna Costa e Silva e “Roda dos Prazeres” da artista Lygia Pape, mencionadas nesse trabalho, servem como inspirações para professores, em suas salas de aula, promoverem momentos nos quais os estudantes possam aprender pelo experimento e a exploração dos diversos sentidos, não só o visual.

A discussão sobre metodologias que podem ser abordadas por docentes na disciplina de artes que vão além de suportes imagéticos pode promover a acessibilidade para todos no processo de ensino e aprendizagem. Vivências concretas e multissensoriais possibilitam ao estudante a compreensão do espaço, de emoções e sensações através dos sentidos e possibilidades que o corpo possui.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MACHADO, R. S. Sobre mapas e bússolas: apontamentos a respeito da abordagem triangular. *In*: BARBOSA A. M.; CUNHA F. P. (org). **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. 1. ed. Editora Cortez, São Paulo, 2010.

MAGALHÃES C. M.; ARAÚJO V. L. S. **Metodologia para elaboração de audiodescrições para museus baseada na semiótica social e multimodalidade: introdução teórica e prática**. Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, Brasil, v. 12, n. 1, p. 31-55, 2020.

MOTTA, L. M. V de M. **Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo**. 1. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Editora Feevale, 2013.

SANTIAGO, C. F.; PARREIRA, J. A.; MORAIS, P. B.; SILVIA, F. O. **Inclusão e Acessibilidade em Museus: audiodescrição de cenários no Museu de Artes e Ofícios**. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 7., 2016, Minas Gerais. **Anais eletrônicos [...]**. Minas Gerais: UFOP, 2016. Disponível em: <https://cbeu.ufop.br/anais>. Acesso em: 20 mai. 2024.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.